# Girando em torno da metafísica - 14/03/2021

\_Milton Vargas mostra uma relação histórica imanente entre metafisica, como  
raiz da realidade, e técnica\*\*[i]\*\*\_  
  
\*\*Metafísica\*\*. Se a metafísica, hoje, tem uma conotação pejorativa tratando  
de falsos problemas ou um jogo mental sem sentido diferente da ciência, no  
início do século XX ela pode ressurgir como base da realidade concreta. Isso  
indica que há uma conexão entre metafísica e vida humana, sobre a edificação  
do homem no mundo[ii] e ela traria a raiz da realidade, ou seja, a maneira de  
pensar e agir de uma época.  
  
Nesse sentido, a metafisica é uma teoria da realidade radical e busca a  
certeza radical em que as demais se baseiam. A raiz aqui abordada é “mi-vida”,  
isto é, a realidade. Não a vida humana, mas minha vida que é céu, terra, os  
homens, as ciências e a metafisica. Eu e as coisas.  
  
Para cada ciência há uma metafisica, em cada época. Milton Vargas identifica  
cinco momentos históricos: 1.) Grécia clássica; 2.) antiguidade medieval; 3.)  
renascimento; 4.) Europa barroca; 5.) mundo ocidental hoje e a metafisica  
responsável pelos prolegômenos científicos. Nesse histórico, 3 perguntas a  
norteiam: “o que é?”, “o que existe?” e “o que há?”.  
  
\*\*O que é?\*\* A pergunta grega clássica “o que é?” revela a physis como  
substrato por detrás da aparência e que é uma crença básica, anterior ao  
discurso. Para os gregos, há uma crença na certeza do mundo de onde vem o  
espanto e a pergunta pelo ser. É a metafisica de Aristóteles, a teoria grega  
da realidade radical, teoria ontológica que mostra a substância por detrás da  
aparência.  
  
 Então, aqui não cabem as perguntas “o que existe?” e “o que há?” pois há  
certeza da substância. Relacionando metafísica e ciências, a matemática grega  
(de Tales a Euclides) é o prolegômeno. São três etapas: parte-se da sensação,  
que é individual, seguindo-se ao raciocínio, que é universal, aportando-se na  
inteligência, quer dizer, no inteligível. A ciência leva à postulação de uma  
metafisica percorrendo o caminho que vai do sensível para a geometria e  
aritmética dos objetos matemáticos até a metafisica que é livre de  
mutabilidades: são as ideias platônicas e as substâncias aristotélicas.  
  
Entretanto, na Idade Média, a certeza grega se desfaz e a crença passa da  
physis para Deus, como sustentáculo do mundo exterior. São Tomas invoca a  
mesma metafísica, mas com outra verdade: o ser que era sustância passa a ser  
Deus como realidade primeira e colocando a teologia no centro do pensamento.  
  
\*\*O que existe?\*\* Porém, no renascimento, Deus perde força no conjunto das  
\_ultimidades\_ e a metafísica moderna, ao duvidar da realidade do mundo, traz  
uma nova questão: “o que existe?”. Aqui, a fonte da realidade radical é o  
pensamento, seja dos racionalistas, com o cogito e razão, seja dos empiristas,  
com a tábula rasa, na qual percepções e ideias ali são inscritas.  
  
Milton Vargas mostra o paralelismo do desenvolvimento entre metafisica e  
ciência, tendo como prolegômeno a mecânica de Galileu que “primeiro concebe  
com a mente”. Essa realidade mental enxerga a natureza como máquina, em  
oposição aos gregos, para os quais a physis era um organismo animado.  
  
E a metafísica atingirá o clímax com a Dinâmica de Leibniz que tem a força  
como elemento constitutivo da realidade. Daí surge o conceito das mônadas, que  
não têm extensão nem matéria e, também, a teologia racionalista [do melhor dos  
mundos possíveis].  
  
Mas, depois disso, há uma ocultação do ser do pensamento que já não é mais  
realidade radical, pois o que tem a ver com a coisa tapa a coisa. O ser do  
pensamento cobre o ser psicológico subordinando a metafisica à psique humana,  
assim como a verdade formal oriunda da revolução logico-linguística traz uma  
aversão à metafisica a partir do positivismo e filosofias analíticas.  
  
\*\*O que há?\*\* Por detrás desse ocultamento há um todo abrangente e um saber  
único. Perante as certezas particulares, urge uma nova metafisica que vem da  
pergunta “o que há?”. Se na Idade Moderna o pensamento estava associado à  
consciência que, através de sua clareza e distinção, consciencializava tudo em  
busca da verdade lógica depois, pela lógica e pela linguagem, formalizou a  
matemática até chegar ao computador eletrônico. Mas, Jung traz uma nova  
concepção do pensar inconsciente procedente de experiências ancestrais e  
cósmicas.  
  
O pensamento aparece subordinado e vai do individual e transcendental para a  
totalidade abrangente. Tem algo na mente que não é, mas há e se estabelece um  
processo imanente na batalha entre o consciente e o inconsciente. Jung, em seu  
inconsciente, conceitualiza uma matriz dos fenômenos psíquicos mãe de tudo,  
uma Pan Mater. E é essa psicologia profunda que pode gerar uma nova  
metafisica.  
  
A nova manifestação do ser aparece em Kierkegaard pela subjetividade que não  
reconcilia fé e conhecimento, em Nietzsche com o fim da transcendência e a  
ontologia do ser do Dasein, ser imanente de Heidegger.  
  
Voltando ao início, a pergunta moderna “o que há?” vem respondida pelo mi-  
vida. A realidade radical vem do profundíssimo de nós e de uma tensão  
dialética que se da no plano de imanência, por um lado por uma tendência anti-  
noética e, por outro, por um voltar-se racional ao mundo. Tal nova formulação  
da teoria da realidade radical é imanente e vem das profundidades de uma alma  
ancestral e essa nova metafisica pode ser o modelo de ciência, da psicologia  
profunda para as realidades últimas.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme \_Crenças, ciências e metafísica\_ , Capítulo 2 de Vargas, M.  
(1994). \_Para uma filosofia da tecnologia\_. São Paulo: Alfa Omega.  
  
[ii] Milton Vargas traz nesse artigo concepções de Julián Marías e Ortega y  
Gasset que trataremos indiscriminadamente, pois o que nos importa é a  
conceituação.